



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANNAKALINA BATISTA MOURA

**A INFANTILIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O
CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE
GERALDO PINTO - PILOEZINHOS/PB**

GUARABIRA-PB

2015

ANNAKALINA BATISTA MOURA

**A INFANTILIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O
CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE
GERALDO PINTO - PILOEZINHOS/PB**

Artigo apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, em cumprimento a exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Me. Maria Valdenice Resende Soares.

GUARABIRA-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M924i Moura, Annakalina Batista

A infantilização do ensino da Educação de Jovens e Adultos:
[manuscrito] : O caso de Escola Municipal de Ensino Fundamental
Padre Geraldo Pinto - Pilõezinhos/PB / Annakalina Batista Moura.
- 2015.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Maria Valdenice Resende Soares, Departamento
de Educação".

"Co-Orientação: Veronica Pessoa da Silva, Departamento de
Educação".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Infantilização. 3.
Práticas Pedagógicas. I. Título.

21. ed. CDD 374

ANNAKALINA BATISTA MOURA

A INFANTILIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O
CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE GERALDO
PINTO - PILOEZINHOS-PR.

Monografia apresentada ao Curso de
graduação em Pedagogia da Universidade
Federal do Paraná, Campus III, sob a
orientação da Prof. Mestre Maria
Valdenice Resende Soares.

Aprovada em: 30/11/15

BANCA EXAMINADORA

Maria Valdenice Resende Soares

Prof. Mestre Maria Valdenice Resende Soares
(Orientadora)

Vanúcia Pessoa de Silva

Prof. Doutora Vanúcia Pessoa de Silva
(Avaliadora interna)

Raissa Regina Silva Bastardo

Prof. Mestre Raissa Regina Silva Bastardo
(Avaliadora externa)

Dedico este TCC àqueles que fizeram do meu sonho realidade, me proporcionando forças para que eu não desistisse de ir atrás do que eu buscava para minha vida. Muitos obstáculos foram impostos durante esses últimos anos, mas graças a vocês eu não fraquejei. Agradeço por tudo a minha família, professores, amigos e colegas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse.

Agradeço a minha mãe Giselda, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Joseilson que, apesar de todas as dificuldades, me fortaleceu e que para mim foi muito importante.

Agradeço ao meu esposo Diego Henrique que, de forma carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Quero agradecer também as minhas filhas, Anna Letícia e Anna Luísa, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

As minhas irmãs Thamires e Kalianna pelo incentivo e apoio incondicional.

A professora Verônica Pessoa, pela orientação, apoio e confiança.

A minha orientadora Valdenice, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

LISTA DE SIGLAS

- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- PB - Paraíba
- MEB - Movimento de Educação de Base
- CNBB - Conferência Nacional de Bispos do Brasil
- MCP - Movimento de Cultura Popular
- CPC - Centro Popular de Cultura
- UNE - União Nacional dos Estudantes
- CEPLAR- Campanha de Educação Popular
- Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- PNAC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
- PAS - Programa de Alfabetização Solidária
- IES - Instituições de Ensino Superior

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01-Caça- palavras do dia do Índio..	09
Figura02 - Atividade dos encontros vocálicos	11
Figura 03 -Atividade da letra b	12

SUMÁRIO

1	ENCONTRO COM O OBJETO DE PESQUISA.....	08
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS	14
3	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	16
4	A INFANTILIZAÇÃO NA EJA: ESCOLA MUNICIPAL PADRE GERALDO PINTO EM PILÕEZINHOS.....	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
	APÊNDICES	

A INFANTILIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE GERALDO PINTO - PILOEZINHOS/PB.

ANNAKALINA BATISTA MOURA

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas, em especial, se são adequadas a faixa-etária ao público a que se destina, das turmas de 1ª a 4ª série da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Geraldo Pinto, da cidade de Pilõesinhos–PB. Bem como, identificar qual a formação inicial e continuada dos professores analisados, perceber como ocorre o planejamento da escola em torno da Educação de Jovens e Adultos. Realizada na perspectiva de pesquisa qualitativa, a qual favorece a relação intersubjetiva entre o entrevistado e o entrevistador, fontes e observações participantes, tem com principal finalidade apresentar uma dada realidade à luz de uma diversidade de pontos de vista; entrevista, observação, atividade desenvolvida em sala de aula, entre outros. Sendo assim, optou-se por entrevistar 02 professoras da Educação de Jovens e Adultos, fazer reflexões em torno de experiência vivida pela pesquisadora em uma sala da aula da Educação de Jovens e Adultos multisseriada de 1º a 4º série, onde lecionou durante oito meses e das observações no estágio obrigatório no componente curricular Estágio III em EJA. Utilizamos como referencial teórico PINTO (1987) que mostra que a concepção de tratar o aluno da EJA como criança é inadequada, pois deixa de encarar o adulto como um ser de saberes, ignorando seu desenvolvimento e seus conhecimentos. Embasamo-nos em FURTADO (2009) quando diz que, o processo de alfabetização da EJA é semelhante a escolas da sua infância, e em SAMPAIO(2009) quando diz que, o processo de alfabetização de Jovens e Adultos possui especificidades que exigem um tratamento específico em razão das características dos sujeitos envolvidos. Ao final deste trabalho, conclui-se que a influência das práticas infantilizadoras pode ser um fator influenciador na evasão dos alunos desta modalidade de ensino, e, portanto, torna-se importante pensar em meios e espaços de reflexões do grupo docente envolvidos com esta modalidade de ensino, visando a revisão de suas concepções de ensino e aprendizagem nas suas práticas profissionais.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, infantilização, Pilõesinhos-PB

1 ENCONTRO COM O OBJETO DE PESQUISA

O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência por nós vivenciada em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos- EJA, no primeiro ciclo de 1º à 4º série, em uma sala multisseriada no ano de 2014. Fomos convidados a trabalhar na EJA pelo prefeito do município de Pilõesinhos, Rosinaldo Mendes, e mesmo sabendo que toda experiência que

tínhamos era na educação infantil, onde já trabalhávamos há sete anos, e a pouca experiência nesta modalidade, mesmo assim aceitamos o convite.

O que me incentivou a aceitar essa proposta foi o fato de que, neste mesmo tempo estava cursando o sexto período do curso de Pedagogia na UEPB Campus III e, ao chegar nos últimos semestres, termos que optar entre dois componentes curriculares: Aprofundamento na EJA ou Gestão, sendo assim, eu e mais duas amigas Maria Aparecida e Miriam Rafaela resolvemos e escolhemos aprofundar os nossos conhecimentos em EJA com a Professora Verônica Pessoa Silva, e o resto da turma optou por gestão.

A princípio, quando chegamos na escola e entramos na sala de aula, me senti muito insegura, pois não sabia como e o que fazer com as/os alunas/os, nesse instante todos me olhavam meios que desconfiados e quietos. Logo em seguida a diretora entrou na sala e falou que eu seria a nova professora da turma, onde eu me apresentei e eles/as se apresentaram para mim, numa tentativa de que fossem criados laços afetivos entre eu, como a professora e eles (as) como alunos (as).

A partir desse instante foram surgindo conversas e histórias, onde cada um (a) queria contar a sua, depois de um tempo de conversas e apresentações a diretora entra outra vez na sala e me entrega umas atividades para que eu possa trabalhar com eles (as). Ao abrir a pasta me deparei com um caça palavras e pinturas do dia do índio, conforme exposto na figura abaixo:

Figura 1:Caça – palavras do dia do Índio



Fonte: colorindodesenhos.wordpress.com

Mesmo sem muito conhecimento, ficamos surpresas/os com as atividades, pois eram muito parecidas com as que trabalhamos com a turma da educação infantil, mas, como a

diretora me entregou dizendo que eram aquelas as atividades que tinham para aquele dia, mesmo achando que aquelas eram atividades para crianças eu tive que entregar para os (as) alunos (as).

Ao terminar a aula eu fui conversar com a diretora sobre a escola, os alunos e aproveitei para perguntar sobre o planejamento das aulas como eram feitos e ela falou que o planejamento era realizado por bimestre, na secretaria de educação juntamente com a coordenadora da EJA, onde ela quem trazia as atividades para serem trabalhadas na sala de aula. As atividades que tinha recebido pela diretora naquela noite eram vindas da secretaria de educação e como no primeiro planejamento ainda não tínhamos contato com a escola, estavam lá todas as atividades que seriam trabalhadas no bimestre.

No decorrer do componente curricular, a professora do componente de aprofundamento em EJA estava trabalhando com um texto de Pinto(1987), onde abordava a infantilização da Educação de Jovens e Adultos, a partir das discussões em sala de aula pude perceber que o que estava acontecendo na escola era exatamente isso, a infantilização do ensino da EJA. Foi assim que comecei a ver com um olhar mais crítico as atividades recebidas para levar para a sala de aula.

Neste período de descobertas, a coordenadora da rede municipal da Educação de Jovens e Adultos apresentou-se a escola para avisar sobre o planejamento que irá acontecer na secretaria e que todas as professoras deveriam estar presentes.

No processo do planejamento recebemos uma pasta que continham algumas atividades para se trabalhar na sala de aula com os jovens e adultos. Mas, ao abrir a pasta para conferir o material, me deparei, mais uma vez, com atividades infantis: pinturas, caça-palavras e desenhos para serem completados. Nesse momento, eu chego a perguntar a coordenadora se ela havia me entregue a pasta errada e ela me responde com um sorriso que não, aquelas são as atividades que eu devo trabalhar com os (as) alunos (as)

Diante dessa realidade inquietante, e visto que em sala de aula contava com 16 alunos entre a faixa-etária de 18 a 60 anos, com a maioria de alunos jovens, ficamos a perguntar como utilizar com os mesmos atividades que são desenvolvidas no ensino infantil? Vale ressaltar, que estes também trabalhavam, em granja, em feira livre, na construção civil, os idosos eram aposentados e ainda trabalhavam na agricultura. Os alunos aos quais dediquei oito meses de aula, estavam inseridos no mundo que compreende a faixa-etária que possuem, quer seja, os jovens, quer seja os adultos.

Quando estava fazendo meu estágio supervisionado nos anos de 2015, no oitavo período, na área de aprofundamento na EJA, mais uma vez me deparei com esta prática. A escola na qual estagiei era a escola municipal Raul de Freitas Mousinho, situada na cidade de Guarabira. A mesma tem um espaço físico excelente, salas grandes e climatizadas refeitório, um banheiro feminino e um masculino, cantina, secretaria e a sala de professores. Na escola tem duas turmas de EJA, uma de 1º e 2º série e outra de 2º e 3º série, em cada sala uma professora.

Após a apresentação da escola e professores, entramos na sala de aula da 1º e 2º série que funcionavam juntas devido a pequena quantidade de alunos. Estavam matriculados 22 e frequentavam apenas 10. Segundo a professora, a turma estava dividida em três níveis de aprendizado, 3 alunos ainda não liam, 4 alunos liam com dificuldade e apenas 3 já sabiam ler. A professora é formada em pedagogia e sempre procura uma atividade que todos consigam fazer, às vezes ela leva uma atividade para cada grupo. No primeiro momento, a professora me apresentou para a turma e deu continuidade à aula que abordava a disciplina de português com o conteúdo de gênero: feminino e masculino, e encontros vocálicos, onde usou uma atividade como essa:

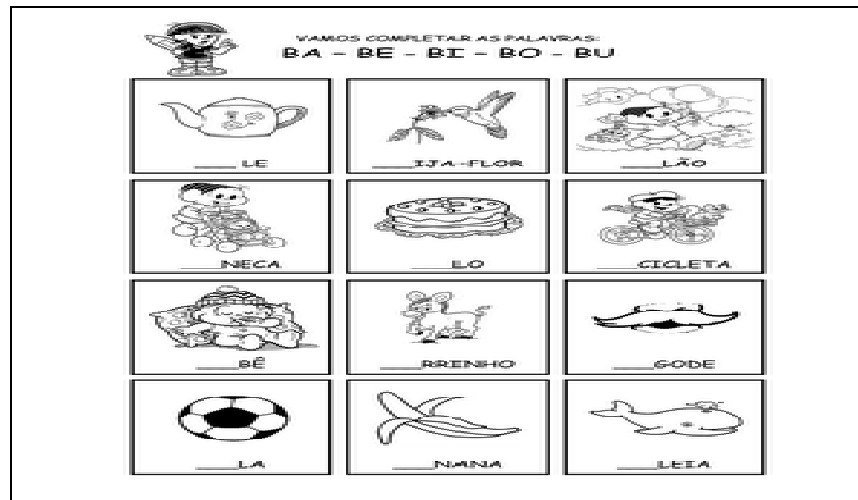
Figura2:Atividade dos encontros vocálicos



Fonte:www.infoescola.com

No segundo dia de estágio a professora apresentou a letra “B eb” e a família silábica, logo em seguida entregou uma atividade como essa que veremos na figura 3, onde os alunos iriam completar com as sílabas indicadas na atividade. Para os alunos que já sabiam ler, a professora levou um caça palavras da letra “B b” para que pudessem encontrar as palavras que estavam escritas na lousa.

Figura 3: Atividade da letra b



Fonte: adoletadoabc.blogspot.com

Na terceira e última observação nesta sala, a professora levou para todos um texto que tinha no lugar de algumas palavras gravuras e os(as) alunos (as) iriam trocar a gravura pela palavra, o que os (as) alunos(as) que ainda não sabiam ler tiveram muitas dificuldades para fazer, mesmo assim a atividade foi feita pela professora na lousa e a mesma ajudou aos que estavam com dificuldade escrever.

Em outro momento, partimos para a observação na sala da 3ª e 4ª série, onde a quantidade de alunos é ainda menor, são 18 matriculados e apenas 8 frequentam, neste dia a professora trabalhou uma atividade de ortografia, palavras com (c/ç) e (sc/sç), que também foi um pouco difícil para os alunos que tinham dificuldades de ler e outros não sabiam ler, na atividade tinha desenhos que acabavam deixando com um aspecto infantil para serem trabalhados com alunos da EJA.

A professora da sala que tem mais de vinte anos de experiência tem apenas o magistério e está à procura de fazer um curso superior, trabalha em outro horário com o primeiro ano da educação infantil e aparentemente a mesma trata os alunos da EJA da mesma forma que trata as crianças. Na segunda aula a professora levou um texto para trabalhar com os que estavam presentes e eram apenas 3 alunos que ouviram o texto lido pela professora que sem explorar o texto fez uma atividade para que os alunos circulassem no texto palavras que condiziam com as que estavam na lousa.

Estas experiências, atrelada aos diálogos nas disciplinas da área de aprofundamento da EJA, me fizeram buscar conhecimentos em torno dessa problemática. E, algumas questões se faz presente em minhas inquietações. Por que os professores utilizam essas atividades? Que formação possui o grupo docente para atuarem na EJA?

Desta forma, nesta pesquisa, busco analisar as práticas pedagógicas, em especial, se são adequadas a faixa-etária ao público a que se destina, das turmas de 1ª a 4ª série da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Padre Geraldo Pinto da cidade de Pilõezinhos–PB. Bem como, observar qual a reação dos discentes em torno de atividades não direcionadas a sua faixa-etária, identificar qual a formação inicial e continuada dos professores analisados, perceber como ocorrem o planejamento da escola em torno da Educação de Jovens e Adultos.

Fiz um levantamento em torno desta problemática na internet, no site de pesquisa do banco de teses da CAPES¹ e no Google². No primeiro site coloquei três palavras chaves: A infantilização do Ensino da EJA, Práticas infantilizadas no ensino da EJA, o uso de atividades infantis no ensino da EJA, porém não obtive sucesso nas pesquisas feitas na CAPES, mas ao serem lançadas no navegador encontramos 02 (dois) artigos: A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise no município de Presidente Prudente/SP, neste artigo AMPARO (2012), faz uma reflexão em torno da postura que o professor possui perante os jovens, adultos e idosos, das atividades que não condizem com o perfil do educando da EJA e também investiga quais as consequências da infantilização do ensino da EJA. No outro artigo: A educação de jovens e adultos: uma reflexão sobre as práticas infantilizadoras utilizadas na EJA. ROCHA (2011) aborda as práticas infantilizadoras e busca mostrar as influências destas práticas na evasão dos alunos desta modalidade.

Entre os artigos citados encontramos inquietações similares a desta pesquisa, em torno das práticas infantilizadoras na EJA, a postura do (a) professor (a) diante os alunos desta modalidade, as atividades infantis levadas para a sala de aula e distribuída para os alunos como se fossem crianças crescidas.

A partir do que foi vivenciado no estágio pudemos analisar que, a infantilização dessa modalidade é comum entre as escolas já citadas. Com o intuito de entender esta realidade, esta pesquisa foi realizada visando aperfeiçoar os nossos conhecimentos, propor direcionamentos em torno desta temática, com o intuito de contribuir em torno das reflexões já feitas na área. Sendo assim, espero cooperar para que os docentes reflitam sobre suas práticas e os seus alunos e alunas, jovens e adultos não precisem passar por esta situação de constrangimento, sendo tratados como crianças e como se os seus conhecimentos não fossem validos.

Sendo assim, buscamos mostrar a importância do tema escolhido para despertar o interesse em torno desta problemática na academia e na comunidade escolar. Desta forma, em

¹www1.capes.gov.br/bdteses/

²<https://www.google.com.br/>

conjunto com os sujeitos envolvidos nesta pesquisa, buscamos refletir, sobre a importância da não reprodução desta prática, a qual se percebe infantil, no seio de um grupo adulto que trazem consigo uma bagagem de aprendizados no decorrer da vida.

Para melhor compreensão deste trabalho o organizamos em quatro partes: Nesta primeira, apresentamos as aproximações com o tema, a problemática, os objetivos e justificativa. No segundo, percorremos pelo caminho metodológico. O terceiro trás um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos e, no quarto capítulo, descrevemos de forma analítica os resultados dessa pesquisa, conforme veremos a seguir.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado na perspectiva de pesquisa qualitativa, a qual favorece a relação intersubjetiva entre o entrevistado e o entrevistador, fontes e observações participantes, tem com principal finalidade apresentar uma dada realidade à luz de uma diversidade de pontos de vista; entrevista, observação, atividade desenvolvida em sala de aula, entre outros. Permite assim, uma ampliação das fontes e uma melhor compreensão do que foi exposto durante a entrevista, a observação ou a análise de uma atividade desenvolvida em sala de aula.

Foi a partir desse caminho metodológico que esta pesquisa seguiu na Escola Municipal Padre Geraldo Pinto. A mesma tem quatro salas grandes e são climatizadas, aparentemente propícias e confortáveis para os (as) alunos (as). Mas, como a escola funciona em outros dois horários, manhã e tarde com a educação infantil, as salas são bem coloridas, com desenhos infantis pintados nas paredes e muitos cartazes expostos, e as cadeiras que os alunos da EJA utilizam são as mesmas usadas pelas crianças, são um pouco baixas para os (as) jovens e adultos (as), sem falar nos idosos, que se esforçam para se sentar.

Possui também uma cantina onde é feita o lanche, que é servido aos mesmos (as) e duas merendeiras. A secretaria tem pouco espaço, lá também ficam alguns livros que são usados em outros turnos e os armários dos (as) professores (as). Também existem dois banheiros, sendo um feminino e outro masculino.

Em geral, a escola não tem um espaço para o lazer dos alunos, apenas as salas de aula, cantina e banheiros e os corredores entre as salas onde os mais jovens preferem ficar esperando passar as horas até o fim da aula.

Foi após ver essa realidade que decidir escolher esse tema e estudar mais sobre, conforme já apresentado, o objetivo é analisar por que os (as) professores (as) utilizam atividades voltadas para o público infantil com alunos adultos, bem como, qual a formação dos (as) mesmos (as) para atuarem nesta área. Por esse motivo fomos em busca de profissionais que atuam na Educação de Jovens e Adultos e escolhi duas professoras para fazer as entrevistas.

Na pesquisa científica a entrevista é utilizada principalmente como fonte de coleta de dados.

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo.(FRASER e GONDIM, 2004,p.140)

As entrevistas foram feitas com duas professoras da rede municipal da cidade de Pilõezinhos-PB e para resguardar as colaboradoras da pesquisa, decidimos por não revelar seus nomes verdadeiros, usando assim nomes fictícios para as mesmas, sendo elas: Professora Hilma e Professora Luci. Tivemos também a colaboração de um aluno da escola, J.V, que também não será identificado.

A professora Hilma é graduada em Pedagogia, pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos e tem mestrado em ciências da educação, já a professora Luci, tem curso básico avançado de teologia, magistério, está concluindo pedagogia e concluindo também técnico em enfermagem. Fomos em busca das mesmas para que me concedessem uma entrevista e assim contribuir com a minha pesquisa.

Para Venturi 2011, a realização de uma entrevista é uma técnica na qual a interlocução é mais profunda e equilibrada, pois não se limita em perguntas e respostas, podendo haver um diálogo orientado por uma temática. Esta técnica mostra-se útil para a obtenção de informação mais qualitativas que não seriam obtidas em outras fontes de base material. Podendo assim, algo mais fora o que foi planejado no roteiro ser exposto durante a conversa, a entrevista precisa ser feita de uma forma que o entrevistado e o entrevistador estejam à vontade, causando assim um conforto para a realização da entrevista.

Em pesquisas qualitativas, o fundamental é que a seleção seja feita de forma que consiga ampliar a compreensão do tema e explorar as variadas representações sobre determinado objeto de estudo. O critério mais importante a ser considerado neste processo de escolha não é numérico, já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões e sim explorar e

compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto. (FRASER e GONDIM, 2004, p.147)

Para manter uma relação tranquila entre entrevistador e entrevistado, faz-se importante antecipadamente, elaborar um roteiro de entrevista. Este meio de pesquisa deve ser elaborado pelo pesquisador, já que a mesma deve ajudar a responder as suas inquietações e as necessidades de sua pesquisa. A elaboração de um roteiro de entrevista inicia-se ao estabelecer um objetivo norteador. (VENTURI, p. 457. 2011).

O principal instrumento da entrevista é o roteiro, outros instrumentos também podem ser utilizados, gravador, câmera fotográfica, e filmadora se permitidos pelo entrevistado, sua vontade deve ser respeitada, tendo em vista que a pessoa que se dispôs a colaborar prefere ter sua identidade preservada, então o material a ser utilizado será apenas caneta e papel.

O entrevistador deve ter bom-senso e sensibilidade a vários aspectos da pessoa e do ambiente onde a entrevista ocorrerá (Venturi, p.458,2011), esse propósito deve ser pensado antes da realização da entrevista, deve-se marcar um local e um horário adequado para que nada possa interferir na sua pesquisa com o entrevistado (a).

No decorrer da entrevista deve-se transcrever tudo fielmente do jeito que foi falado pelo entrevistado (a), depois deve ser transcrito com cuidado e ajuda de um (a) professor / orientador (a). As interpretações e conclusões advindas do material da entrevista são de inteira responsabilidade do pesquisador, podendo, inclusive, não se ter a concordância do entrevistado (Venturi, 2011).

Como disse Venturi, para os antropólogos, a pesquisa participante é geralmente tratada enquanto método que pode ser apoiado por várias técnicas, inclusive entrevistas e depoimentos orais que podem ainda ser individuais ou em pequenos grupos.

Além das entrevistas, fizemos uma análise das vivências enquanto professora, durante 08 meses, e minhas visitas no estágio obrigatório para conclusão do curso. Essa será a metodologia por mim adotada para realização do meu trabalho de conclusão de curso.

3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que tem como objetivo permitir que pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola quando

jovens retomem seus estudos para que possam recuperar este processo de direito e importância aos seres humanos.

Para os adultos, voltar à sala de aula revela-se como uma esperança de dias melhores. Para muitos, escrever o próprio nome é resgatar dimensões de uma identidade em construção. Muitos destes adultos continuam estudando, por sua força de vontade, cuja vontade de aprender parece ser maior que o cansaço físico de um dia de trabalho pesado e, o desejo de aprender, torna-se seu principal objetivo de vida.

A Educação de Jovens e Adultos tem sua trajetória com início das atividades na década de 1920. Porém, aqui, vamos nos ater as ações que marca a EJA a partir dos anos de 1960. Nesta década surgiram alguns movimentos que trouxe para a EJA a influência da educação e cultura popular. Os Movimentos que tiveram maior destaque neste cenário foram: MEB- Movimento de Educação de Base- foi criado pela Igreja Católica em 1961, por meio do Decreto 50.370, de 21 de março foi estabelecida a criação do MEB. O decreto determinava que o Governo Federal iria colaborar com a CNBB - Conferência Nacional de Bispos do Brasil no processo de alfabetização de adultos. Essa colaboração se daria por meio de convênios firmados com o MEC, e outros Ministérios e Órgãos Federais, que repassariam os recursos para a CNBB. A alfabetização de adultos seria feita por meio do Movimento de Educação de Base utilizando a rede de emissoras católicas.

O programa MEB foi desestruturado no início de 1964. Nessa época alguns de seus livros foram confiscados por terem características comunistas. A partir daí o MEB passou a ser perseguido pela igreja, e também pelos poderes sociais do regime militar. No ano de 1966 o programa acabou em alguns estados devido à perseguição feita pelo governo militar. Alguns anos depois por volta de 1970 o MEB, que havia diminuído sua área de atuação, voltou ao processo de alfabetização dando prioridade para as regiões Norte e nordeste do país.

MCP - Movimento de Cultura Popular: Foi criado em maio de 1960. Esse era um movimento ligado a Prefeitura de Recife. Tinha o apoio do governo e de Paulo Freire, que era o Coordenador do Projeto de Educação de Adultos do (MCP). Ele utilizava os centros de cultura para fazer um trabalho de alfabetização, por meio de grupos de debate.

Esse programa tinha como objetivo alfabetizar utilizando novos métodos de aprendizagem, mas não se tinha recursos financeiros para que esse movimento se estendesse em outros estados. Com essa falta de recurso o movimento foi realizado em Recife e Rio Grande do Norte, e foi extinto em 1964 com o golpe militar, pois o programa era tido como uma ameaça aos seus objetivos, seus integrantes foram presos e exilados.

O CPC- Centro Popular de Cultura: Surgiu em 1961 e foi fundado pela (UNE) – União Nacional dos estudantes, artistas e intelectuais da época. O objetivo do programa era levar a cultura às pessoas mais desfavorecidas da sociedade.

Eram levadas até as pessoas peças teatrais para que adquirissem cultura. Em 1963, foi criado o departamento de alfabetização de adultos e os materiais utilizados seriam livros de literatura. Foi extinto em 1964, quando suas instalações foram incendiadas.

O CEPLAR- Campanha de Educação Popular: Teve origem na Paraíba em 1961. Foi criada pelo governo do estado, e utilizava o método Paulo Freire. Seu tema principal a realidade brasileira, em especial, o nordeste e Paraíba, e tinha como objetivo conscientizar as pessoas sobre a realidade e foi extinto com o Golpe Militar.

Após o golpe militar de 31 de março de 1964, esses projetos foram extintos, pois foram considerados de caráter comunista e alguns membros dos projetos foram perseguidos e exilados. Também foi durante o regime militar surgiu o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Foi criado pela lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Durante este período eram os militares que tinham o domínio de tudo que seria ensinado aos alunos, o objetivo era acabar com analfabetismo no Brasil em pouco tempo, e era influenciado pelo método Paulo Freire, utilizavam-se da “palavra geradora” Logo após a queda do regime militar o Mobral foi substituído pela Fundação Educar, que também foi extinta em 1990 pelo governo Collor.

Em 1990 aconteceu o ano Internacional da Alfabetização, em Jontien na Tailândia, tinha como objetivo dar mais importância à educação, básica e reverter as barreiras que seriam enfrentadas para que todos tivessem acesso à educação. No final desta década, surge o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), no governo de Fernando Collor de Melo, o seu principal objetivo, era diminuir o índice de analfabetismo num período de cinco anos, mas o programa, durou menos que um ano.

Em 1997, os programas de alfabetização mais importantes foram: Programa de Alfabetização Solidária (PAS) e o Programa Brasil Alfabetizado que tem parcerias com o governo e instituições públicas e particular. O PAS surgiu em janeiro de 1997 no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Tinha como proposta inicial atuar na alfabetização de jovens e adultos nas regiões Norte e Nordeste do país, mais conseguiu abranger as regiões Centro-Oeste e Sudeste, e outros países da África de língua portuguesa.

O programa inovou com as parcerias formadas entre os poderes públicos federal e municipal, Instituições de Ensino Superior - IES, pessoas físicas, empresas, instituições, organizações e o Ministério da Educação – MEC. Durante o segundo semestre de 2002 o PAS

passou a se chamar AlfaSol e ser uma Organização Não Governamental – ONG. O AlfaSol continua atuando na alfabetização de jovens e adultos. Em Janeiro de 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado, do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O programa tem como proposta de erradicar o analfabetismo no Brasil. O objetivo do programa não é só a alfabetizar mais também a incluir as pessoas analfabetas. O programa conta com a participação do governo, empresas, IES, ONGs, associações e outras organizações de sociedade civil.

4 A INFANTILIZAÇÃO DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL PADRE GERALDO PINTO EM PILÕEZINHOS-PB

O processo de conhecimento e aprendizagem dos (as) educandos (a) da EJA precisa ser construído entre professores e alunos, só assim será possível uma troca de experiências entre ambos, fazendo com que a história de vida e sua realidade social e cultural seja levada em consideração, facilitando a sua aprendizagem e seu desenvolvimento como sujeito.

O diálogo entre ambos faz proporcionar uma nova visão, onde o (a) professor (a) educador (a) ajuda ao discente a refletir sobre o conhecimento adquirido no decorrer de sua trajetória de vida, que vem carregada de trabalhos e sonhos.

Partindo das observações realizadas no campo de pesquisa, é possível identificar que o ensino realizado sofre influências significativa da corrente tradicional. E, por vezes, segue um padrão inadequado a faixa-etária do grupo em aula. Este fato, de certo modo, tem repercussões no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos que estão matriculados na referida escola.

Estes alunos são pessoas que, na maioria das vezes, passam o dia trabalhando em roçados na zona rural da cidade, enquanto jovens optaram estudar na EJA para acelerar os estudos e, por este motivo, demonstram pouco interesse, buscando a escola para fugir de sua rotina ou como um espaço de convívio social. É frequente a saída de alunos da sala de aula, eles se juntam formando pequenos grupos para conversar, fumar e ouvir músicas pelos corredores.

Ao entrar na sala de aula, nota-se uma apatia de grande parte dos alunos, principalmente dos jovens. Não estão interessados em aprender, não interagem na aula, eles apenas escutam o que a professora fala ou usam os fones de ouvidos para escutar músicas e

esperam, ansiosamente, pela a hora da saída, que deveria ser às 22h00, mas quando chega às 21h00 todos já começam a sair.

Em relação aos adultos que são a minoria na escola, estes são mais interessados, apesar do cansaço físico do dia de trabalho pesado, frequentam fielmente as aulas, exceto em dias chuvosos, pois a maioria vive na zona rural e dependem do acesso ao transporte disponibilizado pela prefeitura que, por conta das péssimas condições das estradas de barro, têm dificuldade de chegar à mesma.

Muitos deles, ainda não aprenderam a ler, apenas soletram as palavras expostas na lousa pela professora ou até mesmo no material disponibilizado pela escola que são: textos, palavras e atividades mimeografadas em folhas brancas, com letras um pouco manchadas o que dificulta mais ainda a leitura do que está escrito. Além disso, há o livro didático que é pouco utilizado, pois a professora prefere usar as folhas e o caderno dos alunos, apesar dos mesmos escrevem com dificuldades.

Ao abrir o diário de classe percebemos a quantidade de alunos desistentes ou até que se matricularam e, por algum motivo, não frequentam a escola. Os jovens buscaram a EJA como “solução dos seus problemas”, ou seja, fazem em um ano o que seria feito em dois e por isso sentem-se realizados, pois para alguns deles concluir o Ensino Fundamental nessa modalidade é uma vitória.

São jovens que, segundo a diretora da escola alguns não trabalham durante o dia e apenas estão ali para terem um diploma. Todavia, é preciso reconhecer que estes alunos deveriam estar matriculados no ensino diurno. Muitos deles alegam que estão muito atrasados e tem vergonha de estar em uma sala de aula com pessoas mais novas que eles e, por isso estão ali, no intuito de concluir rapidamente uma parte de seus estudos [...] De certa forma, é como se a situação de exclusão da escola regular fosse, em si mesma, potencial geradora do fracasso na situação da escolarização tardia. (OLIVEIRA, 2001, p.20)

Para alguns (as) alunos, estar matriculados na Educação de Jovens e Adultos é como se fosse a mais uma chance para aprender e poder ingressar no mercado de trabalho, já que durante a idade certa de estar na sala de aula, por algum motivo não tiveram a oportunidade e pelo motivo da diferença de idade e tamanho e com medo de sofrer preconceito pelos colegas da classe e pessoas da escola, eles (as) buscam essa alternativa, mesmo assim preferem não se identificar como aluno EJA.

Durante a experiência que vivi na escola, a diretora passava uma lista para os alunos assinarem, com o objetivo de receber fardamentos e, uma grande maioria deles perguntava se

no fardamento teria a identificação da EJA, pois isso faria com que uma grande maioria não usasse o fardamento, pois não queriam ser identificados como aluno dessa modalidade. Para os alunos mostrar-se aluno EJA é um constrangimento.

Em relação as atividades levadas para a sala de aula, segundo as professoras entrevistadas, as preferidas deles são as que eles mesmos produzem e se expressam, e atividades que valem pontos para ajuda-los nas notas, e as que os (as) alunos (as) menos se agradam são as atividades de leituras e copiadas do quadro, pois acham cansativo e como alguns tem dificuldades na leitura sentem vergonha de ler.

As atividades nem sempre são retiradas do livro que a escola dispõe para os (as) alunos (as), na maioria das vezes os (as) professores (as) buscam outros livros para retirar atividades para trabalhar durante as aulas e esses livros são na maioria das vezes livros infantis, já que o livro da EJA é considerado pelos (as) professores (as) de nível alto para trabalhar com aqueles alunos. É como se os professores (as) vissem os alunos da EJA como crianças incapazes de desenvolver as habilidades necessárias para conseguir resolver as atividades do livro que é destinado a eles (as) e acabam levando coisas de crianças para a sala de aula tratando assim aquele (as) alunos (a) como um ser atrasado. Como disse a professora da sala: São bons livros só que achamos um nível muito alto para os nossos alunos, mais os professores utilizam em sala de aula, mais também vão em busca de subsídios para auxiliar.

Para seu J.V estar na escola depois de tanto tempo fora dela é uma vitória, pois foram tantas batalhas e sofrimento durante a idade em que teria direito de estar na escola que os problemas cotidianos se fizeram maiores.

Hoje, depois de velho e casado, estou feliz, pois aprendi a escrever o meu nome e a ler, até já leio o jornal e não tenho vergonha de assinar documentos, coisa que antes eu não fazia e tinha que colocar o dedo. (Depoimento de J.V, 2014).

As pessoas que frequentam a sala de aula da EJA já são bem crescidas para serem tratadas como crianças, então os professores desta modalidade devem refletir antes de falar e agir para com os educandos. Alguns termos que são sempre usados pelos (as) e professores (as) no diminutivo devem não ser utilizados, com por exemplo: Hoje iremos fazer um trabalhinho, a palavra trabalhinho pode e deve ser trocada por outra palavra, trabalho, atividade ou outra palavra com o mesmo sentido evitando assim o tratamento infantil para com os (as) alunos (as).

A infantilização do ensino da EJA, tanto nas atividades quanto na forma de tratamento com os jovens e adultos podem causar a evasão nas turmas dessa modalidade, pelo motivo do público alvo achar que estão sendo tratados como crianças crescidas. Cabe aos educadores da EJA tratar os (as) alunos (as) conforme sua idade, por mais que estejam nos anos iniciais, não são mais crianças e sim adultos e precisam ser tratados como adultos. Buscando levar o aprendizado e o conhecimento que deve ser feito na escola.

Temos, aqui, uma estrutura parcialmente diferenciada da escola que os jovens estavam acostumados a frequentar quando ainda eram crianças, ao mudarem para o horário da noite e começarem a compartilhar um mesmo lugar de estudo com pessoas de faixa etária diferente. Entretanto, o processo de escolarização que encontram na EJA apresentava situações semelhantes à escola de sua infância. (FURTADO 2009).

Bem como, devemos pensar em atividades na perspectiva do letramento proposto por Leal (2013), letramento se relaciona aos usos afetivos da escrita em atividades de leitura e escrita de textos, em contextos diversos. Magda Soares afirma que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Um indivíduo letrado é bem diferente de um alfabetizado, a pessoa letrada sabe usar socialmente a leitura e responder as demandas sociais da leitura e da escrita e isso deve ser visto de um modo que leve em conta a história de vida dos indivíduos envolvido neste processo. Entendo, porém, que o processo da alfabetização de jovens e adultos possui especificidades que exigem um tratamento específico em razão das características dos sujeitos envolvidos. (SAMPAIO 2009).

As dificuldades são muitas, percebe-se no olhar de alguns alunos que, por vezes, a professora é vista como sendo mais que uma educadora, uma amiga, alguém de sua plena confiança. Eles escutam, pedem conselhos, e aproveitam o espaço das aulas, em especial os mais velhos, para falar sobre sua vida pessoal, sobre um problema que estão passando ou até mesmo à alegria que estão sentindo. Existe, neste contexto, um respeito muito grande, mesmo que a professora seja mais nova do que eles. Por algumas noites a aula se torna “coisa de criança”, a professora leva para a sala de aula livros da educação infantil que é muito utilizado por ela e pelos alunos, leva também atividades infantis, pinturas e desenhos, coisas que alguns até gostam de fazer e fazem com dedicação outros, fazem apenas para não desrespeitar a professora, até porque para eles tudo que a professora faz deve ser realizado, sem questionamentos. A este respeito (Pinto, 1987), nos revela que esta prática de infantilização

do adulto é um equívoco, por corresponder a uma concepção ingênua de educação. Esta visão trata o adulto como uma criança que esqueceu de crescer, culturalmente, por a escola:

Procura aplica-lhe os mesmos métodos de ensino e até utiliza as mesmas cartilhas que servem para a infância. Supõe que a educação (alfabetização de adultos) consiste na ‘retomada do crescimento’ mental de um ser humano que, culturalmente, estacionou na educação infantil. O adulto é considerado assim, um ‘atrasado’. (PINTO, 1987, p.14.)

Para Pinto (1989) esta concepção de tratar o aluno da EJA como criança é inadequada, pois deixa de encarar o adulto como ser que também possui saberes, ignora o desenvolvimento fundamental do homem é de natureza social, não reconhece que este homem se faz pelo trabalho e que o seu desenvolvimento não para pelo fato de o indivíduo permanecer analfabeto, ignora o processo de evolução de suas faculdades cerebrais, não reconhece o adulto iletrado como membro atuante e pensante de sua comunidade, na qual de nenhuma maneira é julgado como “atrasado” e onde, ao contrário, pode até desenvolver uma personalidade de vanguarda.

Algumas destas situações fazem parte da realidade das salas de aula da EJA e tem sido essa a realidade encontrada em visitas às salas de EJA. A infantilização dos alunos desta modalidade ocorre, quer seja levado para a sala de aula atividades de pinturas das datas comemorativas, ao exemplo do dia da páscoa, coelhinhos e outros símbolos. Em muitas noites, as atividades se reduzem a estas atividades de pinturas. Para Pinto, Infantilizar a educação de adultos consiste em um erro pedagógico dos mais graves, pois aplicar ao adulto métodos impróprios é recusar os métodos que integram o homem em sua comunidade e que faz aumentar sua consciência crítica frente a sua realidade.

Os (as) professores (as) que ingressaram na EJA, mesmo que seja por meio de concurso público ou contrato precisam ter formação nesta modalidade, para que não venha a tentar introduzir práticas do ensino infantil para com os (as) alunos (as) da EJA, pois a partir do momento em que o (a) professor (a) tem um conhecimento sobre a Educação de Jovens e Adultos ele (a) irá olhar para os alunos de outra forma, sem compará-los como crianças crescidas.

Durante a entrevista pude colher algumas informações sobre as professoras Hilma e Luci em relação sua formação, tempo de experiência e outras coisas a mais, que citarei logo a seguir. As professoras ingressaram no cargo, uma através de concurso público e a outra por meio de um contrato, Hilma é graduada em pedagogia, pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos e mestrado em Ciências da Educação, tem vinte anos de experiência na educação,

sempre trabalhou com o ensino fundamental e tem três anos de experiência na Educação de Jovens e Adultos, se identifica muito com a EJA. Luci, Tem Curso Básico Avançado de Teologia, Magistério, Pedagogia (concluindo) e Tec. em enfermagem (concluindo), que tem oito anos de experiência na educação infantil e seis na EJA, para a professora a educação infantil é melhor de se trabalhar e como consegui essa vaga na EJA ela leciona para este público, mesmo trabalhando com jovens e adultos a mesma afirma que aproveita a sua experiência da educação infantil com os (as) alunos (as) da EJA.

Ambas deixam bem claro que o planejamento ocorre mensalmente com todos (as) professores (as) e com a coordenadora da EJA, e mostram que as atividades do seu planejamento nem sempre são feitas por eles (as), algumas vezes a coordenadora leva algumas atividades prontas para serem trabalhadas na sala de aula, pinturas, caça palavras e entre outras, que segundo as professoras são atividades recreativas.

O município oferece formação continuada, não especificamente para a Educação de Jovens e Adultos e sim para todos (as) professores (as) da rede municipal de ensino, segundo as professoras.

Tendo em vista a realidade do ensino da EJA em relação a infantilização do desta modalidade, cabe ao educador buscar meios para tornar as aulas mais atrativas, ao invés de tornar a aula para crianças crescidas. Podendo trocar essas atividades por outras da realidade da vida dos alunos (as) como, por exemplo, uma música, poesia, um assunto da atualidade ou até mesmo a experiência de vida dos (as) alunos (as). Tornando assim a aula mais divertida e interessante para o público da EJA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os adultos que voltam aos estudos na EJA buscam, em sua grande maioria, a certificação do ensino médio para ingressar no mercado de trabalho e até adultos que apenas querem aprender a escrever o seu nome, e consideram se alfabetizados, desistindo de continuar seus estudos.

Percebe-se, que estão presos a ideia de que estudando surgiram empregos melhores, também estão jovens que se recusam ao ensino normal por conta do tempo reduzido e das avaliações mais flexíveis. Levando em conta o aparente desinteresse por parte de alguns que estão ali apenas para ter esse título de conclusão do ensino fundamental.

É preciso buscar meios e outras metodologias mais eficientes para “segurar” os nossos jovens e adultos na escola, nessa modalidade. Acabando de vez com a infantilização do ensino da EJA, capacitando professores e oferecer melhores condições de trabalho.

ABSTRACT

This research aims to analyze the pedagogical practices, especially if they are suitable for age group to the public it is intended, the 1st of classes at 4 ° series of Youth and Adult Education of the Municipal Elementary School Father Geraldo Pinto, the city of Pilõesinhos-PB. As well as identifying which initial and ongoing training of teachers analyzed, notice how the school is planning around the Youth and Adult Education. Held in qualitative research perspective, which favors inter-subjective relationship between the interviewee and the interviewer, fountains and participant observations, has with main purpose to present a given reality in the light of a diversity of views; interview, observation, developed activity in the classroom, among others. Therefore, it was decided to interview 02 teachers from the Youth and Adult Education, to reflections on the experience lived by the researcher on a classroom of Youth and multisseriate Adult 1st to 4th grade, where he taught for eight months, and notices in compulsory training in curriculum component Stage III in EJA. The theoretical framework PINTO (1987) which shows that the concept of treating the student as a child of the EJA is inadequate because it fails to face the adult as a being of knowledge, ignoring their development and their knowledge. Embasamo us FURTADO (2009) when he says that the EJA literacy process is similar to your childhood schools, and Sampaio (2009) when he says that the Youth and Adult literacy process has specific characteristics that require treatment specific due to the characteristics of the subjects involved. At the end of this work, it is concluded that the influence of infantilizadoras practices can be an influential factor in the dropout of students in this type of education, and therefore it is important to think of ways and spaces for reflections of the teacher group involved with this mode teaching, in order to review their conceptions of teaching and learning in their professional practice.

Keywords: Youth and Adult Education, infantilization, Pilõesinhos-PB

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMPARO, Matheus Augusto Mendes. A infantilização do ensino na educação de jovens e adultos: uma análise no município de Presidente Prudente/São Paulo, 2012.

BRASIL, Cristiane Costa. História da alfabetização de adultos: De 1960 até os dias de hoje. Disponível em: <https://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/CristianeCostaBrasil.pdf>. Acesso em 08/07/15.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Disponível em:<http://www.portaleducacao.com.br>. Acesso em: 08/07/15

FURTADO, Quézia Vila Flor. Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso no processo de escolarização. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2009.

GADOTTI, Moacir; Romão José. Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS Artur Gomes (orgs.). Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

OLIVEIRA, Marta Kohl de (Org.). Educação de Jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2001.

PEREGRINO, Mônica. Trajetórias desiguais: um estudo de processos da escolarização pública de jovens pobres. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre a educação de adultos. São Paulo: Cortez, 1987.

ROCHA, Neusa Maria de Carvalho Gomes. A Educação de Jovens e adultos: Uma reflexão sobre as práticas infantilizadoras utilizadas na Educação de Jovens e Adultos. Espírito Santo: Educação, 2011.

SAMPAIO, Marisa Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza (Orgs.). Práticas de Educação de Jovens e adultos: Complexidades, desafios e propostas. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

SILVA, Analise (Org.) Diálogos com as juventudes presentes na EJA. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SOARES, Magda Becker. O que é letramento. Diário do Grande ABC. Disponível em:www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf. Acesso em: 08/07/15

APÊNDICE

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades
Departamento de Educação

Curso: Pedagogia
Graduanda: AnnaKalina Batista Moura
Orientadora: Maria Valdenice Resende Soares

Roteiro de entrevista para docente³

- 1- Qual a forma de ingresso na rede municipal de ensino? Contrato ou concurso?
- 2- Qual a sua formação?
- 3- Quanto tempo de experiência com a educação? Em que modalidade?
- 4- Quanto tempo de experiência com a Educação de Jovens e Adultos?
- 5- Qual das duas você se identifica mais?
- 6- Você aproveitou sua experiência na Educação de Jovens e Adultos? Se sim, como?
- 7- A rede municipal oferece alguma formação continuada? Se sim, na EJA?
- 8- Como ocorrem os planejamentos na escola?
- 9- A escola, na modalidade EJA, possui supervisora(o) e/ou coordenadora(o) escolar?
- 10- As atividades que você faz em sala de aula são encaminhadas pela secretaria ou organizadas por você?
- 11- Quais atividades os alunos mais gostam de fazer? Por quê?
- 12- Quais atividades os alunos não gostam de fazer? Por quê?
- 13- A EJA recebe livros didáticos? Se sim, o que acha dele? Os utiliza em sala? Por quê?

³ Esta entrevista foi aplicada como subsídio para esta pesquisa, intitulada: A infantilização do Ensino da Educação de Jovens e Adultos.